

ADEQUAÇÕES DA ESCOLA AOS TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19 NA VISÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO MÉDIO

FERREIRA, Camila Aparecida Antunes¹

BRASÃO, Heber Junio Pereira²

SOUSA, Cristina Soares³

ABREU, Maria do Carmo⁴

RESUMO

Introdução: Este trabalho apresenta um estudo na área da Prática de Ensino, especificamente sobre a pandemia do coronavírus e as adequações que foram impostas à escola, em trabalho a distância, na visão dos professores que trabalham nos ensinos Fundamental e Médio. Objetivo: Identificar os pontos positivos e negativos das aulas virtuais com trabalho a distância, devida ao isolamento decretado pelo Governo, no intuito de evitar a disseminação desordenada da doença, pelo contágio. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas com cinco professores do Ensino Fundamental e cinco do Ensino Médio, que estejam trabalhando virtualmente, devido à pandemia. As entrevistas foram feitas via Internet. Primeiramente, foi feita uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam das relações de ensino e aprendizagem na escola. O projeto foi apresentado ao Conselho de Ética em Pesquisa da Unifucamp e aprovado, conforme Parecer (Apêndice 1) deste trabalho. **Resultados e discussão:** Os resultados mostram que os professores enfrentaram dificuldades no ensino remoto, principalmente no aspecto que concerne à manutenção do interesse dos alunos e à participação das famílias no processo. A questão socioeconômica dos alunos foi um fator apontado por todos. **Considerações finais:** Esta pesquisa teve limitações, principalmente em virtude do pequeno número de pessoas que responderam o questionário, mas, ainda assim, permitiu que se traçasse um quadro da aceitação do ensino remoto como alternativa para que não se perdesse o ano letivo. Como sugestão para futuras pesquisas, a presente poderia ser replicada com um número maior de participantes, sobretudo fazendo uma comparação entre o ensino na escola pública e o da escola particular.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Sala de Aula virtual. Professores. Coronavírus

ABSTRACT

Introduction: This paper presents a study on the field of Teaching Practice, specifically about the Coronavirus 19 pandemic and the adjustments that were imposed on the school, working at

¹ Graduanda em Letras pela Unifucamp – Centro Universitário Mário Palmério

✉ camilaferreira@unifucamp.edu.br

² Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG.

³ Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do UNIFUCAMP

⁴ Professora do Curso de Pedagogia do UNIFUCAMP

a distance, in the view of teachers who work in elementary and high school. **Objective:** Identify the positive and negative points of virtual classes with distance work, due to the isolation decreed by the Government, in order to avoid the disorderly spread of the disease, due to contagion. **Methodology:** This a field research, through interviews with five teachers from elementary school and five from high school, who are working randomly due to the pandemic. The interviews were conducted via the Internet. First, a bibliographic search was made, in books, journals and Internet sites that deal with the teaching and learning relationships at school. The project was presented to the Research Ethics Council of Unifucamp and approved, according to the Opinion (Appendix 1) of this work. **Results and comments:** The results show that teachers faced difficulties in remote education, especially in terms of maintaining the interest of students and the participation of families in the process. The socioeconomic issue of the students was a factor pointed out by everyone. **Conclusions:** This research had limitations, mainly due to the small number of people who answered the questionnaire, but, nevertheless, it allowed to draw a picture of the acceptance of remote education as an alternative so that the school year was not missed. As a suggestion for future research, the present one could be replicated with a larger number of participants, especially making a comparison between teaching in public and private schools.

Keywords: Teaching and learning. Virtual Classroom. Teachers. Coronavirus.

INTRODUÇÃO

Cada sala de aula apresenta características diferentes, que dependem do histórico dos alunos, das condições ambientais, das relações afetivas entre professores e alunos, entre outros fatores. Nesse sentido, a escola reflete as condições sociais em que está inserida. Este ano de 2020, provavelmente, ficará conhecido na História como “o ano em que tudo mudou”, não necessariamente para melhor. E a escola precisou adaptar-se às condições de uma pandemia em todo o mundo e que, no Brasil, adquiriu conotações políticas. Aconselhadas a ficarem em casa, para evitar o contágio, as pessoas precisaram aceitar um novo modo de vida, que se refletiu na sala de aula.

Por isso, o objetivo deste estudo foi identificar os pontos positivos e negativos das aulas a distância no Ensino Fundamental e no Médio, em 2020. Como objetivos específicos, foram propostos: (1) verificar a opinião de cinco professores quanto a esse tipo de ensino no Ensino Fundamental e no Médio; (2) verificar a opinião de cinco alunos, colegas do Curso de Letras da mesma instituição; (3) verificar pontos positivos e negativos apontados pelos professores entrevistados; (4) verificar se houve diferença no aproveitamento das aulas e na qualidade de ensino no Ensino Fundamental e no Médio. O modelo de questionário faz parte do Anexo 1 deste artigo.

A pergunta de pesquisa, que orientou a realização desta investigação, foi: Quais os pontos positivos e negativos desta forma de ensino de aulas remotas, apontadas pelos professores do Ensino Fundamental e do Médio?

Este estudo se justifica porque, com o fechamento de escolas para conter a disseminação do coronavírus (COVID-19), as redes públicas de todo o País começaram a implementar medidas a fim de minimizar os danos aos estudantes durante o período de suspensão das aulas presenciais, portanto, o presente trabalho propôs-se a analisar essa questão, para verificar se foi favorável ou não ao ensino-aprendizagem.

Para apresentar os resultados obtidos, este artigo se divide em três seções, além desta introdução. A primeira seção traz os fundamentos teóricos que embasaram o ensino e se subdivide em subseções. A primeira subseção discute as relações de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental. A segunda analisa as relações de ensino e aprendizagem no Ensino Médio. A terceira apresenta reflexões sobre o isolamento social em decorrência da pandemia do Coronavírus. A segunda seção descreve a metodologia de trabalho, a terceira apresenta os resultados dos questionários semiestruturados respondidos pelos entrevistados, com as respectivas reflexões da pesquisadora. Em seguida, são tecidas as considerações finais e apresentadas as referências.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Relações de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental é um dos níveis da Educação Básica no Brasil, é obrigatório, gratuito em escolas públicas e atende crianças a partir dos seis anos de idade. O objetivo do Ensino Fundamental Brasileiro é a formação básica do cidadão, para isso, segundo o artigo 32 da LDB, é necessário:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, LDB, 1996).

No ano de 2006, a duração do Ensino Fundamental, que até então era de oito anos, passou a ser de nove anos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.º 9395/96) foi alterada em seus artigos 29, 30, 32 e 87, por meio da Lei Ordinária n.º 11.274/2006; ampliou a duração do Ensino Fundamental para nove anos e estabeleceu como prazo para implementação da Lei pelos sistemas de ensino, o ano de 2010. O Ensino Fundamental passou então a ser dividido da seguinte forma: o Anos Iniciais –do primeiro ao quinto ano e a criança ingressa no primeiro ano aos seis anos de idade. Os anos finais abrangem do sexto ao nono ano. Os sistemas de ensino têm autonomia para desdobrar o Ensino Fundamental em ciclos, desde que respeitem a carga horária mínima anual de 800 horas, distribuída em, no mínimo, 200 dias letivos efetivos.

O currículo para o Ensino Fundamental Brasileiro tem uma base nacional comum, que deve ser complementada por cada sistema de ensino, de acordo com as características regionais e sociais, desde que obedeçam às seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho; IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais (BRASIL, LDB, ART. 27º, 1996).

Em uma escola, as relações de ensino-aprendizagem se estabelecem entre vários tipos de envolvimento, seja entre estudantes, professores, familiares seja na comunidade escolar como um todo. As relações, na verdade, ocorrem o tempo todo, todas as formas de interações entre alunos e professores formam uma história constituinte de sua relação com o saber.

Ao longo do processo educativo, as representações sobre ensino e aprendizagem são construídas tanto pelo lado cognitivo quanto pelo afetivo, ou seja, a escola se torna um ambiente dinâmico, entre relações de conhecimento e interações sociais entre indivíduos.

Nessa perspectiva, destaca-se a necessidade de analisar as relações de ensino e aprendizagem, entre professores e alunos, construídas e transformadas pelo contexto da sala de aula, como um espaço de interações simultâneas, desencadeada por esses sujeitos mobilizados por conhecimentos, sentimentos e afetos, dos quais podem percebidos por alunos e professores como positivos ou negativos, dependendo da qualidade das relações estabelecidas dentro do âmbito escolar.

Portanto, a escola é a instituição que detém condições para criar um ambiente fértil, para que as relações de ensino e aprendizagem floresçam com mais fluidez, elas se formam de

múltiplas maneiras, por meio das crianças e dos adolescentes, que aprendem entre si, e também por meio dos seus professores, que fazem várias trocas de experiências e conhecimento, diante de seus alunos em articulação na sala de aula, o que permite a construção coletiva de saberes.

Nessa premissa, o processo pedagógico deve ser assumido conscientemente, pois tanto o professor quanto o aluno fazem parte da comunidade escolar, e não são apenas sujeitos do “ensinar” e do “aprender”, mas, sim, seres humanos com histórias e trajetórias únicas, em um território específico, então faz-se indispensável reconhecer o outro em toda sua complexidade, em suas esferas biológicas, sociais, culturais, afetivas, linguísticas, entre outras, de forma que haja há diálogo, acolhimento, respeito, conhecimento.

Coll et al. (2001) também acreditam que a percepção dos alunos sobre seu professor condiciona em grande parte a interpretação deles de tudo aquilo que o docente diz e faz, podendo em alguns casos, modificar o comportamento do professor na direção das expectativas associadas a essa percepção.

Quando pensamos em ensino, logo a imagem que vem à mente: é uma sala de aula com estudantes e professor, certo? Mas esse seria o principal objetivo em uma escola? A resposta é fácil de ser esclarecida, a escola se torna um meio transmissão de informações que vão alicerçar profundamente aspectos íntimos na vida de uma criança que esteja inserida no meio educacional, ao passo que não se pode deixar de destacar e valorizar os fenômenos histórico-sociais presentes na vida de um professor. A esse respeito, Paulo Freire (2005) alerta:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Nessa perspectiva, é compreendido que o papel do professor desvinculado de sua tarefa social cria uma descaracterização e o real significado do trabalho docente é perdido. Portanto, quanto mais o professor compreender a dimensão do diálogo e de suas vivências como postura necessária em suas aulas, conquistará grande avanço em relação aos alunos, pois desse modo, atinja a mais curiosidade de forma que os alunos sintam mais mobilizados para transformarem sua realidade em um âmbito total.

A relação de ensino aprendizagem, na esfera Ensino Fundamental, promove vivências que vão muito além de vivências de sala de aula e dos conteúdos escolares, ou seja, vai de encontro com individualidade de cada pessoa, sejam estes dentro ou fora da sala de escola ou nos mais diversos territórios educativos. Segundo Paulo Freire, a ideia de que educar alguém, é um processo de intercâmbio constante, onde o educador e educando trocam de papéis o tempo todo, como mediadores, que invertem suas posições ao passo que o ensino aprendizagem segue seu fluxo, pois o educando aprende ao passo que ensina e o educador ensina e aprende com o outro.

1.2 Relações de ensino e aprendizagem no Ensino Médio

A Educação Básica tem por finalidade, segundo o artigo 22 da LDB, “[...] desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

O Ensino Médio é a etapa final da Educação Básica no Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB n.º 9394/96), os Estados são responsáveis por, progressivamente tornar o Ensino Médio obrigatório, de forma a atender a todos os concluintes do Ensino Fundamental, conforme o que é estabelecido pelo Plano Nacional de Educação (PNE).

O Ensino Médio tem a duração mínima de três anos, sua finalidade, segundo a LDB 9394/96, em seu artigo 35º, é:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (BRASIL, LDB, ART. 27º)

Segundo a LDB, durante o período escolar, os adolescentes devem receber a formação comum necessária para o exercício da cidadania e para a progressão nos estudos posteriores, com objetivo de aprofundar os saberes adquiridos no ensino fundamental, relacionando-os com os conhecimentos necessários para compor mecanismos voltados para o trabalho profissional.

O Ensino Médio inclui entre as suas finalidades específicas “[...] a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando”, a serem desenvolvidas por um currículo, que destacará alguns novos requisitos criados pelo BNCC. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto das aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica. E, com isso, tem assegurados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento conforme preconiza o Plano Nacional de Educação (PNE). A BNCC (2018) afirma que:

[...] este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). (MEC, BRASIL, 2018)

Nas práticas educativas, a relação professor-aluno tem sido uma das principais preocupações em âmbito escolar; o que se observa é que, por não se dar a devida atenção à temática em questão, muitas ações desenvolvidas no ambiente escolar terminam em fracasso ou perdem o foco, daí a importância de estabelecer uma reflexão aprofundada sobre esse assunto, considerando a relevância de todos os aspectos que caracterizam a escola e as pessoas que estão inseridas nela.

O processo ensino e aprendizagem, visto em uma realidade ligada ao Ensino Médio, é um termo um tanto complexo, considerando somente como sistema de interações educacionais entre professores e alunos. O “ensino” e “aprendizagem”, não podem ser avaliados como se fossem processos independentes da ação humana, há os processos comportamentais que vão além do “ensinar” e do “aprender”, processos constituídos por comportamentos que visam a desenvolver e a potencializar a capacidade intelectual e social do indivíduo. Portanto, a esse processo estão associadas às formações escolar, familiar e social, de forma formal ou informal, que são constituídas por múltiplos componentes de interação.

Segundo, os autores Coll e Miras (2001), a percepção dos alunos sobre seu professor condiciona, em grande parte, a interpretação deles de tudo aquilo que o docente diz e faz, e pode, em alguns casos, modificar o comportamento do professor na direção das expectativas associadas a essa percepção. O professor, hoje, no início do século XXI, deve ser mais que um mero animador que atrai a atenção do aluno:

[...] O professor precisará adquirir a necessária competência para, com base nas leituras da realidade e no conhecimento dos saberes tácitos e experiências dos alunos, selecionar conteúdos, organizar situações de aprendizagem em que as interações entre aluno e conhecimento se estabeleçam de modo a desenvolver as capacidades de leitura e interpretação do texto e da realidade, comunicação, análise, síntese, crítica, criação, trabalho em equipe, e assim por diante. Enfim, ele deverá promover situações para que seus alunos transitem do senso comum para o comportamento científico (KUENZER, 1999, p.6).

A interdependência dos dois conceitos “ensino” e “aprendizagem” é fundamental para entender o que acontece sob a representação do professor sobre seu aluno, porque direciona o docente a interpretar o que os estudantes fazem, como pensam e agem, e também como mediador sob novos conceitos impostos pelas diversas áreas do conhecimento, a forma que reagem ante seus progressos e dificuldades.

Conforme atestam os autores Moreira e Kramer (2007):

[...] A promoção de uma educação de qualidade depende de mudanças profundas na sociedade, nos sistemas educacionais e na escola. Nesses dois últimos, exigem-se: condições adequadas ao trabalho pedagógico; conhecimentos e habilidades relevantes; estratégias e tecnologias que favoreçam o ensinar e o aprender; procedimentos de avaliação que subsidiem o planejamento e o aperfeiçoamento das atividades pedagógicas; formas democráticas de gestão da escola; colaboração de diferentes indivíduos e grupos; diálogo com experiências não formais de educação; docentes bem formados (que reconheçam o potencial do aluno e que concebam a educação como um direito e um bem social (MOREIRA; KRAMER, 2007, p. 1046).

O Ensino Médio oferece uma formação ética que visa à autonomia e ao pensamento crítico do indivíduo, visto que a educação é o meio mais importante para o desenvolvimento de uma sociedade, de forma que o indivíduo desenvolva suas habilidades, sua cidadania e alcance o pleno desenvolvimento adequando-se à sociedade como um todo. A educação abre portas, desenvolve o senso crítico e garante a dignidade de uma sociedade.

1.3 Isolamento social em decorrência da pandemia do Coronavírus

Em 2020, o mundo enfrenta um grande desafio até então imposto em sua trajetória, um vírus letal e com uma capacidade de contágio muito rápida, que se espalhou pelo mundo todo: “a pandemia do Coronavírus 19”, conhecida popularmente como COVID 19 (*Coronavirus disease*). A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) é a maior emergência de saúde pública que a comunidade internacional enfrenta em década. O primeiro caso de infecção pelo coronavírus (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 24 – Sars-Cov-2*), reportado pela China, aconteceu no início de dezembro de 2019 (WANG et al., 2020).

A rápida escalada da doença (COVID-19), com disseminação em âmbito global, fez com que a *World Health Organization* a considerasse uma pandemia, Em 16 de abril de 2020, o número de casos confirmados mundialmente superava dois milhões, ao passo que o número de mortes superava 130 mil (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Nessa mesma data, o Brasil contava com 30.425 casos confirmados e 1.924 mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Entretanto, estima-se que esses números sejam ainda maiores, dado que não levam em conta atrasos nas notificações ou casos positivos não testados (RUSSELL et al., 2020).

Todos nós vivemos uma modificação significativa em nossas vidas, o mundo mudou drasticamente em um piscar de olhos, e ir à escola, ao trabalho, ou fazer práticas habituais comuns para os indivíduos se tornaram inviáveis mediante ao cenário atual. O isolamento social ao qual fomos submetidos fez com que nossa realidade que vivemos fosse transformada bruscamente. Decerto, uma perda de identidade nesse período de isolamento se fez presente, as pessoas que antes possuíam energia direcionada a afazeres, a rotina, ao trabalho, ao estudo, e de forma geral ao cotidiano conturbado do mundo contemporâneo, o isolamento, estabeleceu um convívio reduzido e a diminuição de ir e vir comum aos indivíduos. Não nos podemos definir apenas pelo que fazemos, porque, mesmo distantes do querer, às vezes somos obrigados a retirar nos afastar de hábitos e tantas outras coisas que nos faz humanos, dadas as possibilidades da vida. Foi por essa característica que o ser humano evoluiu.

Muitos acreditam que o desenvolvimento deixou de existir, mas ao contrário disso, foi uma crises em que a humanidade mais evoluiu, inclusive nas reinvenções individuais que são capazes de permear uma profunda reflexão interna e externa.

De qualquer forma, a expectativa inicial, de ficar apenas algumas semanas longe da escola, do trabalho e das atividades cotidianas, passou longe de se cumprir. O isolamento já dura quase sete meses, tempo que exigiu muita adaptação por parte de grande parte do mundo,

e do Brasil. O tempo de duração e os desdobramentos da pandemia ainda permanecem imprevisíveis (XIAO, 2020).

E, como toda e qualquer alteração na sociedade afeta a escola, essa pandemia levou as escolas a trilharem diferentes formatos de aulas e criarem mecanismos para driblar essa tumultuada situação. Muito já se falou de como a pandemia escancarou as desigualdades sociais, tornou evidente também as desigualdades na educação. O professor como mediador do papel educacional enfrentou juntamente com seus alunos novos desafios " [...] o aprimoramento do educando como pessoa humana, considerando sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico [...]" (BNCC, 2018, p. 466).

Portanto, nesses momentos da pandemia, há receio, incerteza e pouco consenso. Mas é inegável que a discussão chegou a todos os patamares mundiais, deste modelo atual de vida em que estamos inseridos.

Os efeitos da pandemia do novo coronavírus não ficam restritos às pessoas infectadas. Na Educação, 1,5 bilhão de estudantes chegaram a ficar com aulas suspensas ou reconfiguradas ao redor do mundo. O contingente representa mais de 90% de todos os estudantes do planeta, segundo atualização realizada pela Unesco, órgão da ONU para educação e cultura. Ademais, medidas como isolamento de casos suspeitos, fechamento de escolas e universidades, distanciamento social de idosos e outros grupos de risco, bem como quarentena, provocaram diminuição das conexões face a face e das interações sociais rotineiras, o que também pode consistir em um estressor importante nesse período (ZHANG et al.,2020).

Em linhas gerais, na vigência de pandemias, a saúde física das pessoas e o combate ao agente patogênico são os focos primários de atenção dos olhares dos gestores e profissionais da saúde, de modo que a implicação sobre a saúde mundial é vista em cheque, ao passo que não podem ser negligenciadas ou subestimadas ao vírus.

1.4 As aulas a distância e as ferramentas empregadas

A Educação sempre esteve em grande metamorfose, até os anos 2000, mesmo com o desenvolvimento tecnológico, as relações globais com intermédio da tecnologia realizada por máquinas, eram quase escassas e ineficientes, visto sua grandeza hoje. Por sua vez, as tecnologias de outrora enfatizavam o relacionamento pessoal, com atributos de linguagem própria, ou para cunho empresarial.

Com a pandemia do novo coronavírus, a realidade educacional passou uma nova reformulação, tendo em vista a exigência ao abrupto isolamento social em escala nacional e mundial. Em 23 de março de 2020, o Fundo das Nações Unidas para a Infância divulgou que, aproximadamente, 95% das crianças e dos adolescentes matriculados nos sistemas de ensino da América Latina e do Caribe estavam temporariamente sem frequentar a escola em razão da COVID-19 (UNICEF, 2020).

O cenário atual, foram escolas fechadas, visto que a incidência de aulas aumentaria a disseminação de novas ocorrências entre os alunos e ao corpo docente das instituições de ensino, criando uma situação de vulnerabilidade. A suspensão temporária das atividades presenciais, por ordem governamental ou não, foi a tentativa mais apropriada e rápida de reduzir o risco de contágio e disseminação do coronavírus entre os alunos, professores e o restante da população.

Entre as estratégias propostas para enfrentamento da pandemia do novo coronavírus, destaca-se o apelo para que a população geral ficasse isolado em casa, buscando diminuir a transmissão, ao passo que novas recomendações educacionais fossem criadas e impostas em meio à pandemia, em escala nacional, foi oferecido aos professores que utilizassem um novo modelo de aulas, de forma que fosse priorizada a saúde e o bem-estar de professores e alunos, em meio ao estresse e à crescente exposição da população global ao coronavírus.

De acordo com a UNESCO, o distanciamento social e *lockdowns* fecharam as escolas em 186 países e territórios, afetando mais de 1.5 bilhão de crianças, porém foi observado rapidamente que o estilo *homeschooling* não era o ideal para a maioria dos alunos, os mais pobres, por exemplo, foram afetados desproporcionalmente. As diferenças ficaram mais evidentes, por exemplo, entre crianças que têm acesso à nutrição adequada em casa, e as que tinham na merenda escolar a única refeição do dia, entre as que têm computador e um local adequado para estudar em casa, e as que não tem acesso à internet. O fato de estarem trabalhando remotamente ou mesmo impossibilitados de trabalhar, sem previsão sobre o tempo de duração dessa situação, tende a gerar estresse e medo, inclusive quanto às condições para a subsistência da família, reduzindo a capacidade de tolerância e aumentando o risco de violência contra crianças e adolescentes (CLUVER et al., 2020).

Por causa da pandemia, o Ministério da Educação permitiu que as escolas não cumprissem os 200 dias letivos que são previstos em lei, desde que mantivessem as 800 horas de aulas obrigatórias para a educação básica em todo território nacional. A recomendação, foi não cancelar as atividades, mas fazer com que professores e alunos trabalhassem juntos e de

forma remota pela internet, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA ou LMS, na sigla em inglês).

A Portaria nº 343 publicada no Diário Oficial da União, em 17 de março de 2020, dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do COVID - 19 (BRASIL, 2020). A medida é válida por 30 dias ou enquanto durar a situação da pandemia. Por meio da portaria, o MEC resolve:

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

A Portaria informa ainda que as Instituições de Ensino, integrantes do sistema federal de ensino, devem comunicar ao MEC, por meio de Ofício, a opção que será adotada como medida de prevenção ao COVID-19.

Substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017; Suspensão das atividades acadêmicas presenciais, desde que cumpram os dias letivos e horas/aula estabelecidos na legislação em vigor; Alteração do calendário de férias, desde que cumpram os dias letivos e horas-aula estabelecidos na legislação em vigor (BRASIL, 2020, p.01). O Parecer N.º 11/20 Do Conselho Nacional De Educação (CNE) relata que não será possível copiar um modelo único educacional, o mundo atual é está marcado por uma série de mudanças que estão afetam diretamente o nosso modo de ver, viver, ser e de pensar do homem. Mas como encaixar as horas em um período letivo menor? Todas as aulas online durante a quarentena contarão como dia letivo? Como exigir o mesmo aprendizado de crianças que tenham diferentes condições (de tablets e acesso à internet a escrivaninhas, por exemplo) dentro de casa? Como avaliar, na volta às aulas, o que foi ensinado virtualmente? Essas perguntas, por enquanto, permanecem sem uma resposta definitiva. O Conselho Nacional de Educação (CNE, órgão independente ligado ao MEC) criou uma Resolução com orientações às escolas para lidar com esses desafios atuais, aos quais escola e alunos estão comprometidos a passar. A oportunidade dada vem por meios de “novas tecnologias”. Independente de qual tenha sido a decisão de redes e escolas, o ensino remoto exigiu muito planejamento dos profissionais da Educação, e de toda a esfera educacional, visto aos mais variados cenários no Brasil.

[...] A grande dificuldade no Brasil, assim como nos demais países, é a situação imprevisível em uma área que não tem tradicionalmente a cultura do digital, do trabalho remoto ou da educação à distância. Isso é novo e complexo para quem trabalha com educação básica nas escolas públicas e particulares (CASTRO, 2020).

Todavia as aulas remotas oferecidas reafirmaram velhos pensamentos "Soluções tecnológicas que assegurem a continuidade do ensino frequentemente exacerbam as desigualdades"; "Educação à remota e virtual só são eficientes para professores, estudantes e famílias com eletricidade adequada, conexão à internet, computadores e tablets, e espaço físico para trabalhar."

Diante das deficiências educacionais acumuladas pelo Brasil, e até mesmo em condições normais e da possibilidade de que não seja possível transmitir todo o conteúdo esperado no modelo virtual, é preciso fazer preparos extras, de forma que compense as grandes defasagens já enfrentadas pelo o meio educacional. A maior parte dos professores têm usado grupos de WhatsApp para passar orientações aos pais ou até mesmo aos alunos, e assim dessa forma manter o contato entre eles.

As escolas são convidadas a pensar em outros tipos de estratégia e projetos que motivem os estudantes a usar o celular para algo além da diversão e das redes sociais. Mais até que ponto esse ensino seria compensativo? Ao conseguir envolver os estudantes nesta nova dinâmica de aprendizagem por conta da quarentena, os professores irão descobrir, na prática, quais são as vantagens e percalços do ambiente virtual.

Os pais, da noite para o dia, precisaram reorganizar-se para assumir algumas das funções dos professores. E os docentes, muitos ainda resistentes e pouco adaptados ao uso cotidiano das novas tecnologias, estiveram forçados a descobrir novas formas de lecionar recorrendo às ferramentas que seus pupilos nativos digitais já têm muito mais facilidade para lidar, o que não quer dizer que estejam acostumados a acessar as redes sociais, softwares e aplicativos para estudar.

Ao fazer um paralelo acerca da educação nos modelos presenciais pode-se destacar que "A educação presencial favorece a criação de laços de afetividade, a escuta do outro, compartilhar ideias e experiências, e criar redes, sem isso, cresce o isolamento dos seres humanos". "O ensino remoto praticado atualmente [na pandemia] assemelha-se a EAD apenas no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. Mas os princípios seguem sendo os mesmos da educação presencial".

A educação remota é a pauta do momento, com a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), a mudança exigiu adaptação rápida por parte

dos professores, alunos e familiares, o que levantou debates e questionamentos, se de fato os professores estariam preparados para lecionar além do formato tradicional? De forma a transferir seu conteúdo do modelo presencial para o ambiente virtual? E assim seguir o ano letivo? Algumas respostas somente o tempo nos dirá.

2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Trata-se de uma pesquisa de campo realizada com cinco professores do Ensino Fundamental e cinco do Ensino Médio em Minas Gerais. Foi organizado um questionário semiestruturado, para ser aplicado a esses professores. O envio do questionário foi via *e-mail* ou via Whatsapp, de acordo com a preferência do professor. O trabalho foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa-FUCAMP. Todos os Participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE.

O anonimato dos entrevistados foi garantido, conforme o TCLE assinado.

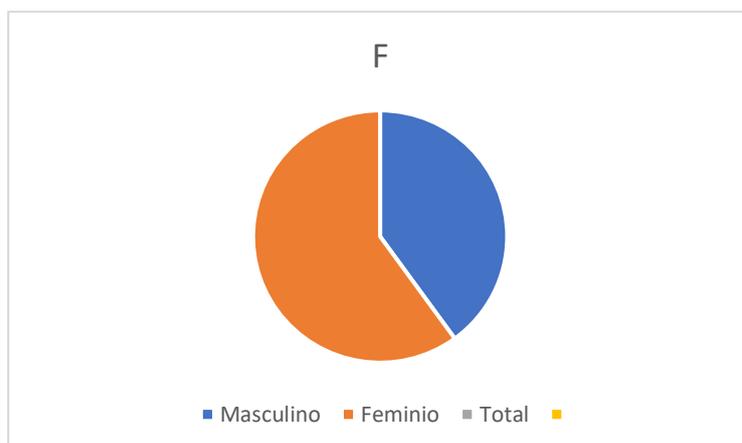
Os resultados foram analisados quanto ao conteúdo e montadas tabelas e gráficos.

3 RESULTADOS

A análise dos dados foi quali-quantitativa, isto é, algumas respostas foram tratadas estatisticamente, os dados de qualificação dos entrevistados, suas respostas foram tratadas qualitativamente, ou seja, foram analisadas quanto ao conteúdo.

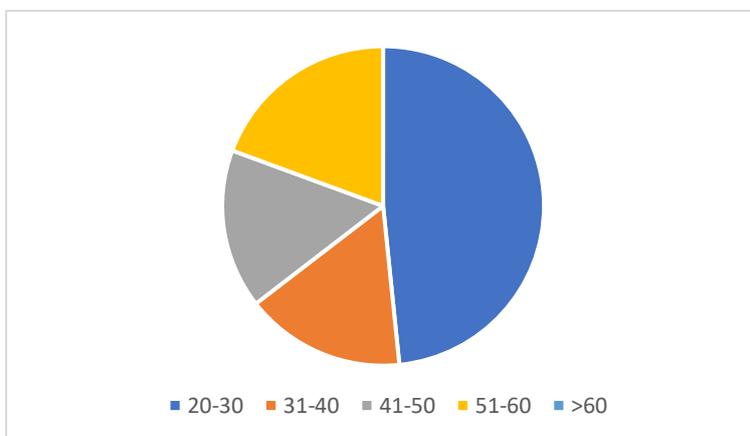
Inicialmente, apresenta-se o tratamento quantitativo relativo aos dados de identificação (questão 1).

Gráfico 1 Classificação dos entrevistados por gênero



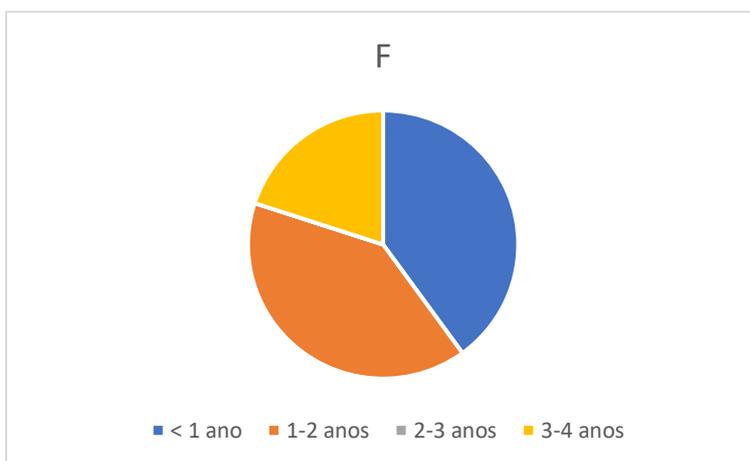
Como se pode ver no Gráfico 1, prevaleceu o gênero feminino (60%) sobre o masculino (40%). Essa é uma tendência na área educacional, em que há mais profissionais femininos que masculinos.

Gráfico 2 Classificação dos entrevistados por idade



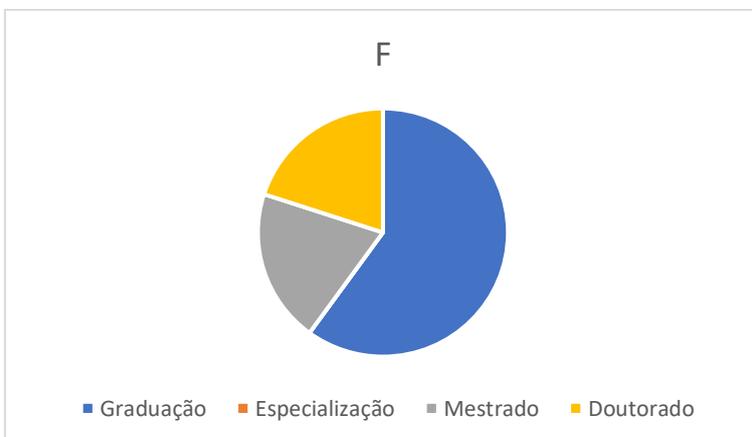
Nesta pesquisa, a idade predominante dos entrevistados foi de 20 a 30 anos. Isso mostra uma predominância dos profissionais mais jovens, que, em teoria, deveriam ter mais facilidade em lidar com a tecnologia e, por conseguinte, com as aulas on-line. Um entrevistado tinha idade entre 31 e 40 anos e um entre 51 e 60 anos. Não houve informantes entre 41 e 50 anos nem maiores de 60 anos.

Gráfico 3 Distribuição dos entrevistados por tempo em que atuam na instituição de ensino



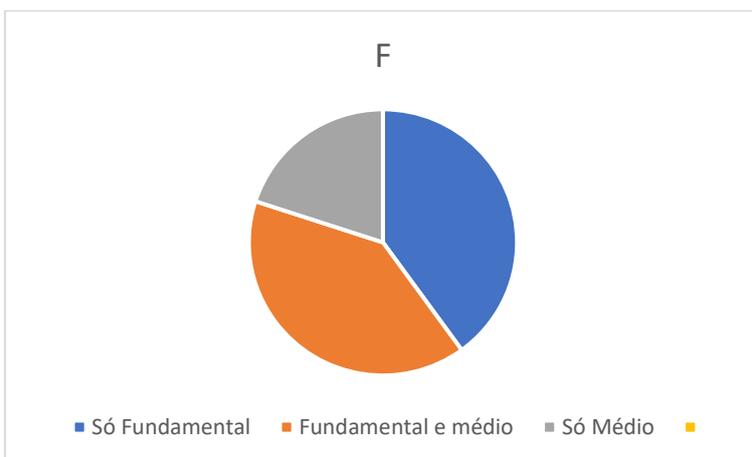
Talvez em decorrência de haverem predominado entrevistados jovens, também seu tempo de atuação variou de menos de um ano (2 entrevistados = 40%); de um a dois anos (2=40%) de 3 a 5 anos (1=20%).

Gráfico 4 Distribuição dos entrevistados por nível de escolaridade



Até mesmo pela idade dos entrevistados, a maioria (3=60%) tem apenas o Curso de Graduação; um deles (20%) tem Mestrado e um (20% tem Doutorado).

Gráfico 5 Classificação dos candidatos por nível de ensino em que atuam



A predominância foi de professores que atuam apenas no Ensino Fundamental (2=40%); dois deles (40%) atuam nos dois níveis e um (20%) atua apenas no Ensino Médio.

A seguir, são apresentadas as análises qualitativas dos dados. O Quadro 1 apresenta as respostas dadas à segunda questão: “Que adaptações sua escola precisou fazer para não interromper as aulas durante a pandemia do Coronavírus?”

Quadro 1 Respostas apresentadas à segunda pergunta: adaptações da escola para não interromper as aulas durante a pandemia do Coronavírus

Entrevistados	Respostas
P1	A escola precisou fazer uso mais efetivo das plataformas digitais e, na medida do possível, estimular os alunos a aceitar e participar do ensino remoto.
P2	Para que as aulas continuassem, toda a equipe escolar precisou se adaptar. Fomos orientados a fazer o uso de ferramentas virtuais para contato com os alunos, como por exemplo o Whatsapp, o Google <i>Classroom</i> e as videoconferências. Também fomos orientados a seguir os conteúdos sugeridos no Plano de estudo tutorado (PET), pois a presença e a carga horária do aluno será confirmada com base no cumprimento das atividades deste plano. Outra adaptação que tivemos foi a chegada de alguns documentos enviados a nós mensalmente para que pudéssemos prestar contas de todas as nossas ações para com os alunos e para com a escola. E todas as reuniões são realizadas por videoconferência.
P3	A escola precisou fazer pets, apostilas enquanto o governo não decidia o que fazer. Foram criados grupos de Whatsapp para comunicar-se com pais e alunos . Foram e estão sendo enviados pets com explicações e correções das aulas.
P4	Mantendo-se a rotina escolar com as aulas on-line e não deixando a desejar com todas as matérias.
P5	<i>A priori</i> , é importante salientar que todas as adaptações realizadas foram acordadas em reuniões entre direção de ensino, pedagogas, coordenadores/as e professores/as. A primeira delas esteve vinculada em quais ferramentas utilizaríamos junto à comunidade estudantil. Ficou decidido que faríamos atividades síncronas, via plataforma <i>Google Meet</i> , e atividades assíncronas, via <i>Google Classroom</i> , e planos de ensino/notas e frequência são lançadas na plataforma oficial da instituição. Semanalmente, enviamos atividades assíncronas para os estudantes realizarem, tendo as devolutivas no prazo de uma semana. Para aqueles/as alunos/as que não detêm acesso à internet, foi disponibilizada a impressão dos materiais para que eles/as pudessem realizar tais atividades. E, quando necessário, entramos com as aulas síncronas via <i>Google Meet</i> .

Como se pode perceber, todos os entrevistados mencionaram as aulas virtuais, para evitar que os alunos perdessem o ano letivo. O entrevistado P1 mencionou a necessidade que os professores tiveram de convencer os alunos a participarem das aulas remotas. Interessante que o candidato P2 colocou emoticons em todas as suas respostas.

O Quadro 2 apresenta as respostas dadas à segunda questão: “Você encontrou dificuldades em trabalhar virtualmente com seus alunos? Quais?”.

Quadro 2 Respostas apresentadas à terceira pergunta: Dificuldades apontadas pelos entrevistados no trabalho remoto

Entrevistados	Respostas
P1	Sim. A principal dificuldade tem sido conseguir que os alunos realizem as atividades e que mantenham contato conosco (professores).
P2	Resposta: Sim. A principal dificuldade é fazer com que os alunos tenham interesse em aprender; levando em conta que presencialmente já é difícil estimular o interesse deles, virtualmente é mais difícil ainda. Outra dificuldade é a impossibilidade de realizar alguns projetos, o que acaba tornando limitado o processo de ensino-aprendizagem. Alguns alunos não têm acesso às ferramentas virtuais por falta de recursos como a internet, por essa razão não sabemos se estão tendo dificuldades no entendimento dos conteúdos.
P3	No começo tive dificuldade com o novo método de ensino, pois os alunos não se interagem, não eram e não são todos que possuem celular e internet. Como meus alunos têm dificuldades, ensinar virtualmente nunca se compara com o método presencial, a interação presencial nunca será a mesma com a virtual.
P4	Muito. Tem alunos que têm dificuldade e dúvida, normalmente são tiradas pessoalmente com o professor, mesmo sem entender o professor explicar quantas vezes for necessário até entender, já virtualmente os alunos ficam muitos dispersos e perdem o interesse rápido.
P5	Sim, encontrei várias dificuldades. Uma delas é o entendimento por parte do alunado quanto ao que se pedia as atividades enviadas semanalmente de maneira assíncrona. Muitas dúvidas surgiram. Outra dificuldade foi a de encontrar um horário para a realização das aulas síncronas, já que os estudantes estavam muito atarefados em virtude da grande demanda de atividades solicitadas por docentes de outras disciplinas. Uma quantidade razoável de alunos não realizou as atividades solicitadas, o que demandava atividades de recuperação, essa que não tivemos tempo hábil de fazê-la, já que as minhas disciplinas já começaram atrasadas e o tempo foi corrido para a reposição de aulas.

As dificuldades apresentadas foram similares entre os entrevistados: convencer os alunos a participarem do ensino remoto; despertar e manter o interesse deles; alguns alunos não têm acesso a internet; os alunos permanecem dispersos e desinteressados.

Aparentemente, parece impossível que ainda haja alunos sem acesso à Internet, mas é preciso levar em conta o nível socioeconômico dos alunos, algo que parece ter sido ignorado pelo Governo, ao propor as aulas remotas. Alguns professores mencionaram, também, a dificuldade que eles próprios enfrentaram para dominar a tecnologia e satisfazer as cobranças feitas a eles, nesse sentido. É quase sempre esperado que o professor resolva todas essas questões.

O Quadro 3 apresenta os pontos positivos do ensino remoto apontados pelos entrevistados.

Quadro 3 Pontos positivos do ensino remoto apontados pelos entrevistados quanto ao ensino remoto

Entrevistados	Respostas
P1	Esse trabalho é uma boa tentativa de fazer com que os alunos não percam o foco nos estudos e que haja um aproveitamento do ano letivo de 2020.
P2	Na minha opinião não houve muitos pontos positivos, mas acredito que posso considerar o empenho dos professores da minha escola, principalmente daqueles que têm mais dificuldade com relação à tecnologia como algo positivo, pois isso acaba se tornando uma experiência a mais na carreira do docente, e esta pode ser usada futuramente para ajudar de forma benéfica os alunos.
P3	Pude perceber que os professores necessitam ser mais valorizados, nessa pandemia onde pais precisaram ajudar seus filhos com as tarefas, se sentiram acuados sem saber o que fazer e viram da importância de seus filhos precisam muito da escola e dos professores.
P4	Sinceramente, nenhum.
P5	Um grande interesse por parte dos alunos e uma dedicação por parte dos estudantes que se propuseram a fazer as atividades, o que gerou ao meu ver uma aprendizagem significativa.

Um dos pontos positivos é equidade. Com a tecnologia adquirida, podemos ampliar o acesso dos alunos em diversas regiões mesmo que estejam em regiões longínquas e onde antes a informação não chegava. A tecnologia também possibilitou a personalização do ensino, fazendo com que cada pessoa pode buscar a sua melhor maneira de aprender. Pode-se em seu tempo, sob suas necessidades e sob suas condições. Por último, a qualidade é outro ponto que a tecnologia contribui em desenvolvimento. Isso representa que, a tecnologia, antes vista como algo que tirava o sujeito do convívio social, tornou-se cada vez mais utilizada e pensada para

benefício coletivo. Para Conforto e Vieira (2015), o celular não pode ser considerado apenas como fonte de entretenimento, mas como uma ferramenta que, quando planejada pedagogicamente, também pode auxiliar o processo educacional.

O Quadro 4 apresenta os pontos negativos apontados pelos entrevistados

Quadro 4 Pontos negativos apontados pelos entrevistados quanto ao ensino remoto

Entrevistados	Respostas
P1	Infelizmente o déficit de aprendizagem dos alunos é enorme, além do quanto é complicado manter a comunicação com a maioria deles.
P2	O aumento do desinteresse, até mesmo da parte de alguns alunos considerados exemplares. A falta da prática em conjunto, da interação
P3	Com as aulas virtuais nós professores perdemos a nossa privacidade, nosso telefone pessoal se tornou uma ferramenta de trabalho, onde alunos e pais nos procuram de manhã até à noite, de segunda a segunda para sanar dúvidas e receber fotos de tarefas. Preocupou-se em realizar os Pets mais do que se aprender a matéria.
P4	Dificuldade de acesso •Aprendizagem não é a mesma •Dificultou para o professor ao explicar é cobrar do aluno •Falta de compromisso do aluno aumentou muito •Entrar e sair das aulas quanto quer.
P5	Dificuldades de interpretação das atividades assíncronas, grande demanda de atividades no geral dos cursos, atrasos na entrega e dificuldades de acerto nos horários das aulas síncronas.

No entanto, é visto pelos profissionais que nem todos os estudantes têm acesso a esses recursos. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 154 milhões de estudantes estão sem aulas na América Latina e Caribe. A entidade alerta que a situação poderá estender-se, considerando ainda que, diante do cenário de pandemia, há risco de abandono escolar definitivo (UNICEF, 2020).

O atual momento é desafiador, e está difícil transpor o ensino de alguns conteúdos para o modelo virtual. Ao se tratar, das crianças pequenas, estas ainda são incapazes de se concentrar por muito tempo em uma atividade virtual. O fato se dá pela falta de ajudá-las e criar as habilidades que importantes para as crianças, desde a concentração nos estudos até a autonomia e o hábito de leitura.

Portanto, não existiu um plano de contingência educacional ou administrativo para casos assim. Muitas das entidades educacionais brasileiras não estavam preparadas tecnologicamente, nem teoricamente. O modelo atual de ensino causa transtornos também naquilo que se refere à

autonomia dos professores para a organização e a disposição dos conteúdos que seriam direcionados aos seus alunos, visto suas realidades.

O Quadro 5 apresenta a resposta dos professores à última pergunta do questionário: “Seus alunos aceitaram e aproveitaram bem esse tipo de ensino?”.

Quadro 5 Aceitação dos alunos ao ensino remoto

Entrevistados	Respostas
P1	Eu diria que em parte, sim, mas uma parcela muito considerável dos alunos não aceitou com muito ânimo esse tipo de ensino. Quanto ao aproveitamento acredito que este está muito abaixo do esperado ou mesmo do desejado.
P2	Alguns sim, outros não. Percebi que principalmente os alunos do 6º ano, recém-chegados ao Ensino Fundamental 2 se empenham mais que os alunos mais velhos até pelo fato de os pais darem maior atenção e ajudá-los nas tarefas
P3	A maioria dos pais não aceitaram no primeiro momento esse tipo de aula, mas também entenderam que não seria possível voltar às aulas presenciais. MUITOS pais não se interessaram em buscar as atividades, no entanto, muitos pais se reinventaram e buscaram todas as apostilas e ajudaram seus filhos a fazê-las.
P4	10% dos alunos sim aqueles que tem o computador em casa que tem condições de acesso, outros % já não tem principalmente os da zona rural. Mas ainda no meu ponto de vista não é um bom ensino quanto o presencial.
P5	Não sei dizer se eles/as aceitaram, porque foi a única alternativa que tiveram. Não tiveram outra escolha, a não ser essa. Mas, no geral, conseguimos conduzir bem o andamento das atividades, mesmo com todos os desafios postos.

A escola, como instituição social, tem um papel fundamental diante desta pandemia, visto a sua interatividade, pode ser um desafio para acompanhar “in loco” o desenvolvimento dos estudantes, por outro a conectividade nos traz a chance de avaliar o quanto são resilientes e como se comportam em períodos de adversidade como o que estamos atravessando.

Ao conseguir envolvê-los nesta nova dinâmica de aprendizagem, os docentes certamente irão descobrir, na prática, quais são as vantagens e percalços do ensino virtual criados até aqui.

A educação remota requer maturidade, envolvimento e uma nova dinâmica de estudos que os alunos não estão acostumados. Há alunos que não querem, têm os que participam e têm aqueles que não têm condições nem de ir pegar o material impresso nas escolas, e vivemos

todas essas realidades juntas, de forma cansativa ou não, são submetidos ao fim do ano sem suas aulas presenciais, visto a gravidade impostas pelo coronavírus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as adaptações que a escola precisou fazer para enfrentar o isolamento imposto pela pandemia do Covid19. Para tanto, foi aplicado um questionário semiestruturado a cinco professores dos ensinos Fundamental e Médio, que responderam via Internet. Os principais aspectos demonstrados pelas respostas dos entrevistados foram a dificuldade tanto dos professores quanto dos alunos e de suas famílias na realização deste tipo de ensino.

Esta pesquisa teve limitações, principalmente em virtude do pequeno número de pessoas que responderam o questionário, mas, ainda assim, permitiu que se traçasse um quadro da aceitação do ensino remoto como alternativa para que não se perdesse o ano letivo. Como sugestão para futuras pesquisa, a presente poderia ser replicada com um número maior de participantes, sobretudo fazendo uma comparação ente o ensino na escola pública e o da escola particular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2011. Disponível em:<http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2011/artigo_07.pdf> Acesso em: agosto de 2020.

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

BARCELOS, Valdo. **Uma Educação nos Trópicos**: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**.5.reimpr. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

CLUVER, Lucie et al. Parenting in a time of COVID-19. **Lancet**, 395:e64, doi:10.1016/S0140-6736(20)30736-4, 2020.

COLL, César et al., **O construtivismo na sala de aula**. Novas perspectivas para a ação pedagógica (trad. do espanhol), Porto: Edições Asa, 2001.

DUARTE, R. M.; LEITE, C. R.; MIGLIORA, R. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 11, n. 33, p. 497-509, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983. p.27-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. .40.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

KUENZER, Acacia Zeneida. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. **Educ. Soc.** [online]. 1999, vol.20, n.68, pp.163-183. ISSN 1678-4626.

MACHADO, Amélia. **Análise de Conteúdo da Bardin em três etapas simples**. Disponível em: <https://www.academicapesquisa.com.br/post/an%C3%A1lise-de-conte%C3%BAdo-da-bardin-em-tr%C3%AAs-etapas-simples>. Acesso em setembro 2020

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; Kramer, Sônia. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. **Educ. Soc., Campinas**, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em set. 2020

OLIVEIRA, Junia. Modelo de ensino a distância é desafio durante a pandemia do coronavírus. **Jornal Estado de Minas**, 02/04/2020

PASINI, Carlos G.D.; CARVALHO, Élvio; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. **A educação híbrida em tempos de pandemia**: algumas considerações. Ministério da Educação. Universidade Federal de Santa Maria. Observatório socioeconômico da COVID-19, FAPERGS, 2020.

RUSSEL, T. et al. Estimating the infection and case fatality ratio for COVID-19 using age-adjusted data from the outbreak on the Diamond Princess cruise ship. **MEDRXIV**. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.05.20031773v2>.

XIAO, K. et al. **Isolation and Characterization of 2019-nCoV-like Coronavirus from Malayan Pangolins**. Cold Spring Harbor Laboratory, 2020.

ZHANG, Y.H.; LIN, D.J.; WANG, J.C.; WEI, Y.; WEI, Z. X. et al. 2019 novel coronavirus infection in a three-month-old baby. **Zhonghua Er Ke Za Zhi**, 58 (3) (2020), pp. 182-184. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1201971220305336>.